

Outras Linguagens

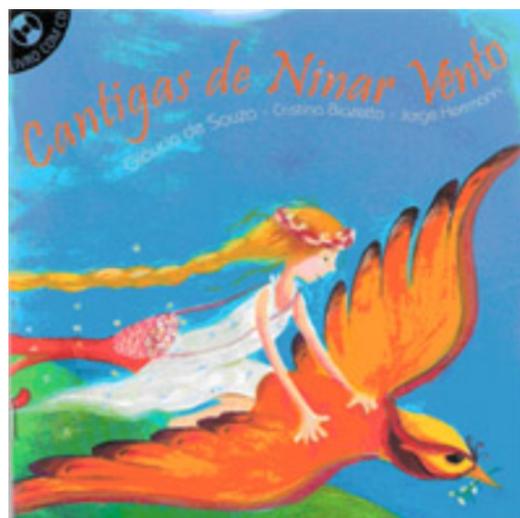
Roselete Fagundes de Aviz¹

Poemas para cantar

O livro traz como principal dispositivo a poesia destinada ao canto. É dela que Gláucia de Souza parte à viagem a que se propôs. Não é à toa que a primeira cantiga se apresenta como “Cantiga de Partida” e a última como “Cantiga de Chegada”. Na primeira página, o leitor se depara com um vibrante passarinho que apresenta o quarteto cujas vozes ouviremos ao longo da obra: a autora, Gláucia de Souza; a ilustradora, Cristina Biazetto; o músico, Jorge Herrmann e, por último, Marcelo Nadruz, responsável pelos arranjos. Após essa emocionante apresentação na voz do canto de pássaro, seguimos à próxima página e a imagem de um castelo em um plano aberto se ergue como um quadro para anunciar em forma de “era uma vez” as quinze cantigas que tocarão todos os cantos do nosso ser.

Depois dessa apresentação, não há como não folhear o livro ao mesmo tempo em que a voz experimenta entoar a canção que preferir, porque “Cantigas de Ninar Vento” é para ler, escutar, brincar, dançar e, acima de tudo: cantar. A obra mostra que o canto é instrumento musical simples. E que cantar é também comunicar-se com todos os cantos do mundo, falando o idioma mais antigo: cantiga. Tão antiga! Cantiga de amor, de amigo, cantigas de partir e de chegar:

Voa trança de cabelo,
vai ao vento e o vento traz.
Voa a mil e um castelos –
tantos contos, tantas casas –
voa toda trovoada
pra ninar vento que corre
e quase que não dorme mais...



¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e atualmente Professora substituta na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: roseaviz@hotmail.com

Enquanto ouve-se o som da canção entoada pelas vozes dos cantores cuja participação na obra se faz encantamento, vê-se o movimento do pincel, o jeito de segurá-lo com as mãos, expressando gestos singulares, diretos do coração da ilustradora. Tão importante como o movimento da cantiga são os da ilustração nessa cena, porque vão trazendo a imagem para bem próximo do espectador em um movimento circular, como se viesse ao encontro dele, fazendo-lhe um chamamento.

O que emociona no livro, o que desperta em nós um sentimento profundo, não é o que diz a canção, mas a força com que a voz a evoca. Ela põe em movimento ondulações do sentimento expressas em lábios e olhos e em diferentes posturas corporais. E se a voz é o pulso da palavra, dispositivo que tira, em parte, a palavra de uma função meramente instrumental, porque na voz o corpo é tornado palavra e a palavra é tornada corpo; compreendemos o que assinala Agambem:

[...] o desejo é o dínamo da palavra: a palavra nasce do desejo, portanto, do desejo, sendo precedida por ele. Pressupondo ser o desejo o dínamo da palavra pode-se pressupor que, o uso poético da palavra, é, antes de qualquer, 'uma experiência amorosa', um encontro, um encaixe feliz. A palavra constitui, sob esse ponto de vista, a união de conhecimento e amor (AGAMBEM, 2006, p.93).

Nessa perspectiva, o leitor consegue perceber a temática de “Cantigas de Ninar Vento”: a liberdade. Principalmente quando Gláucia de Souza marca seu território: “esta palavra é a minha brincadeira”, é minha paixão. Esta é a minha casa. É nela que escolho palavras de diferentes cores. E ela nos mostra como sua casa expressiva se torna construtiva ao revelar que as palavras se bastam e que, às vezes, pouco importa se não podemos dar-lhes um sentido.

Essa palavra posta em melodia conquista a criança porque não está ali com aspecto simples e unívoco. A linguagem, nas linhas de escrita de Gláucia de Souza, não está imposta definitivamente como conjunto de leis a observar uma vez que “a criança gosta - mesmo quando se interessa pelo sentido – da pluralidade e da ambigüidade do sentido porque abrem à exploração um campo de sentido como infinito, inesgotável, porque permitem a brincadeira” (HELD, 1980, p. 201).

É assim que o pequeno livro se apresenta como uma caixinha de brinquedos guardados. Brinquedos de montar e desmontar. Dentro dele aparecem as rimas, os acalantos, as trovinhas populares e, principalmente, o humor. Tão fundamental aos textos destinados à criança porque faz com que ela se distancie de si mesma, quando acha graça dos (d)efeitos e das (im)perfeições da linguagem. Isso interessa à criança porque para ela a palavra nunca diz, a palavra sempre quer dizer

A criança recebe a linguagem como misteriosa, multiforme, plástica. A linguagem para ela é material para formar, deformar, construir, reconstruir, indefinidamente (HELD, 1980). Essa atitude a

criança tem. Ela ri e tenta se dobrar ao ouvir e cantar a “Cantiga de dobra mundo”, por exemplo. Ela acha graça porque se reconhece nesse fazer da linguagem.

Nas múltiplas formas de participação da música em “Cantigas de Ninar Vento”, percebemos como o “andamento” se constitui e o que ele produz em termos de significação e do ponto de vista estrutural da obra. Nesse aspecto, as melodias de Jorge Hermann, arranjos e regência de Marcelo Nadruz, na condução de toda uma equipe de músicos e cantores, foram imprescindíveis. Como na brincadeira, tudo acontecerá de forma lenta ou rápida, conforme o andamento da canção, uma vez que a canção é o material de onde tudo se ergue para celebrar as qualidades da expressividade da obra. Nesse contexto, é pertinente estabelecer um paralelo entre o campo visual e a noção musical de andamento e perceber que o andamento dominante nas cantigas apresentadas no livro exprime o caráter brincante que Jorge Hermann capturou nas palavras de Gláucia Souza.

O andamento, em música, refere-se a “uma descontinuidade na duração, a um ‘estriamento do tempo’, como base para as articulações rítmicas. Tal conceito refere-se, primeiramente, a fenômenos de velocidade constante (SANTOS, 2005, p.02).

Assim, a música vem introduzir-se no livro como canção. Nesse sentido, a natureza da penetração da música na obra é múltipla. Por exemplo, nos 15 poemas de temáticas diversas que o livro apresenta, o solo instrumental se une ao uso bastante peculiar das vozes, cuja materialidade sonora é posta em evidência. Às nuances das vozes dos cantores se juntam uma coordenação dos processos que se desenvolvem dinamicamente no tempo da narrativa que se faz canto, às variações de intensidade de luz, sombras e das palavras, como se estivéssemos lidando com uma obra musical complexa, cheia de simultaneidades (contraponto, sobreposições de camadas...). Nesse universo, o conceito de música necessita ser deslocado: de objeto, ele se torna um modo de ler a obra.

Por essa razão, foi necessário fazer um livro em formato de CD para que a presença de múltiplas vozes possam se fazer sempre presente. Assim, as “Cantigas de Ninar Vento” poderão virar cantigas de inventos. Acesse aqui o link para o álbum 'Cantigas de ninar vento': <http://youtu.be/Lpls-sBECZM>.

Fica o convite!

Referências

AGAMBEM, GIORGIO. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HELD, Jacqueline. **O Imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

SANTOS, Maurício Oliveira. O (Meta)Andamento de India Song: reflexões sobre a lentidão. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. vol. 03, no. 02. 2006.

SOUZA, Gláucia de. **Cantigas de Ninar Vento**; In. Cristina Biazetto; música de Jorge Herrmann. Porto Alegre: Kalligráphos, 2004.